

# Leitura: questão e sedução

César Giusti

UFPE



## Parte I: Leitura e questões sociais

As abordagens que um tema como este pode merecer são tão diversas quanto as questões que envolvem tanto a teoria da literatura como a complexidade dos problemas sociais. Os fatos e fenômenos sociais contemporâneos estão prenhes de controvérsias que se refletem não só nas manifestações literárias como também nos estudos que se voltam para elas. Considerá-las, detalhadamente, seria tarefa que ultrapassaria os limites de um simples trabalho. Desse modo, convém circunscrever imediatamente, nosso objetivo.

A prioridade será dada, aqui, ao fenômeno que interliga a literatura à sociedade: *a leitura*. É a leitura que dá vida à obra literária e a faz, ao mesmo tempo, um instrumento de interação social, à medida que a concepção individual do autor se projeta para o coletivo. Ou, como veículo de comunicação que é, a obra literária torna-se um meio de diálogo intelectual que persuade, contamina, altera e fundamenta o comportamento do ser social que nela busca convívio.

A literatura já foi denominada como uma prática significativa que veicula captações do universo social. Por conseqüência de um enfoque materialista, ficou-lhe também reconhecida a acepção de “produto”, que implica ser o artista um instaurador de mercadoria destinada ao consumo de um grupo social. E, à medida que se efetiva a marcha da sociedade novas concepções são atribuídas ao fenômeno literário que, agregando-se cada vez mais à esfera cultural da sociedade, impõe-se como um dos mecanismos de interação social tão penetrante e, por vezes, incomodante que, circunstancialmente, as defesas e as censuras do aparato ideológico social são projetadas contra ele. O controle ideológico manipulado pelos guardiões dos sistemas sociais é menos importante que a razão que o gera: a incontestável atuação cultural da literatura. O que os diversos sistemas repressivos, controladores, coibitivos e censura-

dores procuraram e procuram inibir é um fator inerente ao fenômeno literário: ser social. E, como tal, deve ser preservado de algum modo, mesmo estranhamente, como a proposta do cineasta François Truffaut, em *Fahrenheit 451*. Por isso acreditamos que a literatura permanecerá como um dos produtos mais antigos de sociabilidade, de interação, de instrução e de aculturação. Afinal, ela é uma instituição social, segundo os métodos de observação de Durkheim.

A arte literária participa da vida social como uma instituição sem fronteiras e sem épocas. Sua duração independe da duração cronológica. A durabilidade da arte literária reside na leitura contemporânea ou extemporânea que dela se fizer. Cada época apenas reduz ou amplia sua significação, de modos diversos. A crítica, a reação, o julgamento, a consagração ou o desdém que se projetam para ela são reflexos da pluralidade social que convive com a diversidade intelectual, e que também é fruto da própria divisão heterogênea da sociedade. Mormente nas sociedades modernas, submetidas à divisão do trabalho, divididas em diversos grupos funcionais, hierarquizados, estratificados em classes superpostas, a arte submete-se à pluralidade crítica e, ao mesmo tempo, ela mesma se manifesta diversificada. Daí porque sua funcionalidade é mais diversa que aquelas explicações dadas há dois ou mais séculos. Hoje, a arte literária exorbita o plano da mera erudição, da literatura fundada como *belles lettres*, da instrução autodidata, do enciclopedismo... para incorporar nas suas questões o jogo dialético de outros papéis que venha a desempenhar na contemporaneidade. Pouco a pouco, a literatura perde a sua mística hierática e assume um travestimento coerente com o dessacralizado mundo das realidades terrestres, do comércio, da banalidade... mas, continua essencialmente humana e agônica.

A atividade literária, sobre ser uma nobre instituição social conscientizadora, vem recebendo o impacto de novos papéis exercidos, em busca da sua sobrevivência. Papéis reveladores de submundos humanos, tais como a disputa da prateleira do consumo encarecido das mercadorias inflacionadas; o intercâmbio com outros produtos atraentes, enquanto ela permanece carente de publicidade; a deturpação nas abreviações roteirísticas do cinema e da televisão, sujeitando-se mesmo à substituição da sua essência em benefício da massificação... É esse o jogo dialético da dura prova pela sobrevivência!

Para o legado da literatura, surgiu a Teoria da Literatura como um fato a posteriori. Procurando desvendar os meandros da criação literária, considerando seu universo de fabricação, contemplando e enunciando as técnicas de realização do tecido literário, a Teoria

Literária tem sido uma verdadeira *Teoria da Leitura*. Relacionando e correlacionando aspectos pertinentes às obras, a Teoria se propôs buscar (e vem buscando), nas áreas afins, os mecanismos elucidantes do que o fenômeno artístico projetou. Daí porque se fala tanto em interdisciplinaridade: um ecumenismo que só benefícios trouxe para a modernidade da ciência e arte literárias. Por essa razão não se pode culpar o atraso da Teoria da Literatura, principalmente neste século. O conglomerado de teorias, advindo desde o formalismo russo, do início do nosso século até as mais recentes especulações, comprova a necessidade de se fazer uma ciência da literatura cada vez mais centrada na *pluralidade de leituras* (umas ortodoxas, outras heterodoxas, algumas inoperantes, e outras operantes à medida que aceitam o sincretismo conseqüente da interdisciplinaridade...). Teorias que se conformam aos fundamentos de ciências como a Lingüística, a Semântica, a Semiótica ou mesmo da Psicologia, da Psicanálise, da Antropologia, da Sociologia... A verdade é que a pluralidade do fenômeno literário requer uma teia de ciências que pluralize seu discurso. E nessa teia ainda cabem outros fios estéticos, estilísticos, retóricos, historiográficos, críticos, que se entrecruzam no texto teórico. É assim que, modernamente, a Teoria contempla o texto literário e tenta esboçar seu sorriso claro e seu olhar translúcido de decifração.

A Teoria da Literatura, por conseguinte, realiza o seu papel ancilar à medida que estabelece coordenadas para a leitura, apontando mecanismos de entendimento e interpretação da estrutura literária. Oferecendo subsídios para um pragmatismo da leitura, ela ensina e auxilia a ler, a aprender e a julgar a obra literária à luz da intencionalidade codificada. Seu discurso, essencialmente metalingüístico, fundamenta-se no princípio da elucidação. Alimentando-se de uma certa gramaticalidade herdada dos foros aristotélicos, a Teoria vai configurando uma rede de instrumentos que visa a instruir o leitor imerso no poço profundo do imaginário recriado. Embora alimentada na gramática do imaginário, a Teoria entrevê a diferença e a priviligia. Cada texto – mesmo o intertexto –, é sempre a diferença do modelo. O que a Teoria afirma são pressuposições para uma leitura mais completa. Vale dizer: a teoria literária equivale à sistematização que visa à leitura integral da obra literária. Esse esforço advém da leitura profunda de cada texto, apreciado na relação com outros textos da mesma família.

É por isso que enfatizamos a leitura. Afinal, não se faz teoria sem leitura! E o que a Teoria propõe é a leitura competente: uma leitura que implica a informação do texto e que oculta as estratégias competentes da conformação e da deformação da matéria literária.

O nível da leitura competente que a Teoria apresenta contrasta-se, entretanto, com a incompetência da leitura individual aferida na sociedade. Essa incompetência manifesta-se pelo desdém ou menosprezo, ou pela redução quantitativa e qualitativa da leitura. É nos países mais desenvolvidos, sobretudo os mais avançados e evoluídos, tecnologicamente, que hábito da leitura tem-se mostrado decadente. Há, neste planeta, sociedades que vão desconhecendo a leitura como lazer. Em muitas, o livro foi trocado pelos “clips”, “games”, “flipperamas”, “ebooks”, “blogs” e outros prazeres eletrônicos. Já se torna comum, nos EUA, a permuta da leitura visual-subjetiva pela leitura auditiva-coletiva das fitas magnéticas, efetivando desse modo o casamento de duas atividades que requisitam extrema atenção: dirigir o automóvel e ler o texto. São milagres da civilização!

No caso brasileiro, a incompetência da leitura tem história coincidente com o processo de formação cultural, nos primórdios da colonização, quando se deu o predomínio da oralidade sobre a escrita. Entre nós, a formação acadêmica incluiu as letras como um privilégio de poucos que ostentavam com as letras o sinal do poder. Mesmo entendendo a função catequética dos primeiros educadores, buscando literatizar a sociedade, não se pode negar que o convívio com as letras foi mais indução à obrigação e ao dever que propriamente uma promoção do prazer. Acompanhando-se a evolução cultural do país, percebemos que o privilégio da elite converteu o país em letrados e iletrados. Como, na verdade, as letras não eram o poder, mas apenas seu símbolo, o ensino das letras assume, paulatinamente, um valor lúdico, pretexto para a integração social, noviciado da vida e, até não raras vezes, terapia ocupacional, convertendo a atividade intelectual do indivíduo em sessões gregárias de sociabilidade.

Ainda hoje, observamos que a tendência aos estudos em grupo, reinantes em todos os graus de escolaridade do país, quase sempre reflete essa *mentalidade mosqueteira* em que *um faz o trabalho por todos e todos assinam o que um fez!* (Podando um pouco o radicalismo da galhofa,) o certo é que a tradição cultural encarregou-se de desviar, em muitas mentalidades, a seriedade do estudo individual que sempre exigiu e exige uma diligência de investigação, um sacrifício intelectual e leituras profícuas.

Acrescente-se ao quadro apresentado aquilo que Robert Escarpit denominou de *analfabetismo técnico*: um alheamento daquilo que se lê, porque não se sabe ler!. Ou ainda, um efeito da leitura obrigatória, sem prazer, que nas escolas leva o aluno, muitas vezes, a percorrer os olhos sobre o texto, a verbalizá-lo sem decodificar

aquilo que ele vê, mas que, entretanto, não sabe ler por desconhecimento de significados do código. Resultante desse fenômeno é a leitura superficial que não penetra os meandros da estrutura mais profunda do texto, por falta de “ancoragens”. Provavelmente, por causa desses motivos teria sentido a crítica que se faz às leituras precárias. Tornou-se lugar comum ouvir, em certas rodas de conversa, o “já-não-se-lê-como-antigamente”, entretanto, é verdadeira a realidade que se nos projeta. Pastichando Mallarmé diria dessa realidade que: “um lance de olhos/ jamais/ *abeberá* os dados do texto”. O certo é que a leitura precária cria cáries no texto. Daí ser a transferência da leitura do livro para a televisão - que informa mais à medida que preenche com o visual-auditivo as fraquezas do leitor - apenas porque é mais um pulo nas precárias leituras contemporâneas... Para uma grande maioria de leitores parece ser mais fácil ler, passivamente, a obra televisada que ler ativamente o texto, apenas com as mal treinadas e indisciplinadas faculdades intelectivas. (A falta que o esforço faz!). Essa falta intensifica, na verdade, o distanciamento entre leitor e o texto escrito.

Por decorrência disso podemos falar em contraste e incompetência de leituras, não obstante exista um leque competente de possibilidades de leituras, oferecido pela Teoria literária. O quadro é paradoxal e complexo como tantos problemas sociais. A consequência da falta de leitura ou da má leitura não é fatal mas letal, visto que ela reduz o humano a graus menores de sociabilidade e diminui seu poder de comunicação com os outros seres do seu universo.

Diante dos tópicos apresentados não hesitamos afirmar que o quadro é um sério problema ou questão social. Somos todos contra esse quadro: como professores que, freqüentemente, lastimamos, em sala de aula; como pais que, desesperados, aceitamos a carapuça proverbial de que “em casa de ferreiro o espeto é de pau”; como alunos que, fruto de uma decadência (não necessariamente promovida por eles mesmos), também reclamam. Entretanto, lastimar, desesperar não são armas de reformulação e o que importa mesmo é apresentar propostas que mudem o caótico quadro.

Nesse sentido, a contribuição da Teoria literária tem, já, passos que podem ser utilizados em sala de aula para promover uma leitura integral e prazerosa. Como exemplo:

- a) reverificação do conceito de plágio e a instauração do conceito de intertextualidade: um mecanismo que permite ir da conhecida música radiofonizada ao texto mais erudito. Imagine-se numa sala de aula cujo pretexto seria interligar

idéias extraídas do *Xote dos Poetas*, de Capinam, com as sugestões que a letra da própria música oferece:

(“Sonhei com Pablo Neruda/ em plena Praia do Futuro/  
escrevendo num imenso muro/ la palavra libertad/  
Com poemas de Vinícius/ en las manos hermanas/  
recitava Éluard.../  
Voava com Castro Alves/ Gregório, também Gonçalves/  
dias e noites latinas/ Cabral dançando frevo/  
e um cego de improviso/ no imenso salão da claridade/  
decifrava um analfabeto/ a escrita de Mallarmé.../  
repentista azulão/ anunciava no sertão/  
a palavra liberdade...”);

- b) a teorização do cordel, do oral, do cancionero epentista; um ponto de partida cujo termo final pode ser o reencontro com a poesia medieval;
- c) a teorização do paraliterário, do kitsch...; a investigação do recurso aos “grafitos”, da derisão dos provérbios, da frequência dos “puns” e da “contrepèterie” são propostas estimulantes para a leitura prazerosa;
- d) teorizar o banal veiculado pela mídia para resgatar a herança clássica, analisando “leituras superficiais” de gibis, filmes e desenhos animados, articulando-os à mitologia clássica, contida nas obras eruditas universais; fazer com que o aluno entreveja nos filmes de aventura de Indiana Jones (“A Arca Perdida”, por exemplo) os ingredientes da estrutura mítica, encontráveis na história de Perseu ou do Macunaíma; aproximar os heróis dos “baixinhos” (He-man; She-ha; Smurfs...) dos heróis e personagens da mitologia grega, renovada em outros trajes criados pelos Spielbergs da atualidade.

É preciso, sobretudo, estimular a competente leitura, oferecendo ao aluno subsídios convincentes que revitalizem o sabor da leitura técnica em profundidade. Para dar um exemplo, ofereço esta proposta de leitura do texto, dirigida ao meu leitor/aluno/universitário.

## Parte II: A compreensão sedutora do texto

A modernidade impõe-nos situações diversas que, conseqüentemente, requisitam de nós mesmos posturas conceptivas diferentes. Dessa diferença resultam os exercícios teóricos que, somados ao pensamento cumulativo das gerações, determinam uma visão

científica mais ampla sobre um dado fenômeno cultural. Nesse sentido, leitor, a concepção do fenômeno texto – pelas características apresentadas em nosso universo cultural – obriga-nos ao exercício reflexivo que, em busca do seu sentido substancial, sugere-nos posturas condizentes com aquilo que, hoje, ele é e, decorrentemente, torna-nos mais hábeis na decifração daquilo que ele representa.

Se tu, leitor, consideras o texto um mero instrumento de comunicação que liga o produtor ao receptor, advirto-te: não seria o substancial. Considerar a qualidade material da sua produção (letras e aparato tipográfico), também é tarefa inoperante à sua essência. Contemplar o material abstrativo, ideativo (mensagem, conteúdo, imaginário) também parece-nos pouco fundamental. Agora: considerar o texto como uma *realidade sígnica* que acumula todos os lances anteriores é uma postura que a modernidade nos solicita e da qual dependerá todo grau de compreensão daquilo que, substancialmente, ele é:

1. uma *realidade*, devido à sua natureza material, sensorial, perceptiva;
2. uma *realidade sígnica*, porque suas partes componenciais são signos, assim como o todo que cada parte compõe é também um signo.

A concepção de signo (= tudo aquilo que em alguma circunstância representa algo para alguém) tornou o conceito de texto extremamente mais rico; porque amplo e mais abrangente, e sobretudo, mais expressivo. Assim, caro leitor, o tradicional entendimento de que “texto é tudo aquilo que está escrito” fica, na modernidade semiótica, restrito, incompleto e, quiçá, anacrônico. É necessário entender que, para além de ser “tudo aquilo que está escrito”, o texto também é “tudo aquilo que pode ser lido”. Dessa soma de saberes decorre um novo sabor (delicioso para uns, amargo para outros) que nos projeta para uma rica amplitude cultural do fenômeno texto. Com efeito, texto não seria só a página escrita para ser lida, mas também a página branca (ou escura!) que espera ser lida. Texto seria também teu sorriso gostoso de contentamento ao entenderes esta abrangência conceptual ou, opostamente, o teu bocejo amargo, sintomático ou indicador da insatisfação que meu texto instaura na tua disposição lectural.

Ora, argumentar-me-ás: Pela explicação dada, poderíamos inferir que *tudo é texto!* Pois concordo. Na verdade, as coisas (escritas ou não) existem, por uma razão e, é descobrindo-lhes a razão, o significado ou o sentido, enfim, que compreenderemos o seu *não-gratuito-estar-no-mundo*. Tudo é texto para quem souber ler! Daí a

relação de proximidade com o esfíngico “decifra-me ou devoro-te”. Quando não decifrado, o texto não perde sua qualidade essencial que, justamente por não ser decifrado, devora-te na enigmática leitura.

Por decorrência, dir-te-ei que: é preciso ler os sinais dos tempos porque o tempo é um texto; é preciso ler o gesto, humano ou não, porque é um texto. Porque são textos, escritos ou não, devemos ler as realidades circundantes que se conformam, que se nos formam e que nos informam algo que são ou representam do universo. E nada, leitor, impede-nos de completar: *o universo é um texto que se reproduz em outros textos*.

A amplitude apresentada, leitor, não nos tolhe, entretanto, o direito da especificar as diferenças. Tudo é texto, mas diferentes textos. Diríamos que, *lato sensu*, o texto é tudo que pode ser lido, enquanto que, *stricto sensu*, texto é tudo aquilo que está escrito. Mesmo aí, convém entender que há diferenças entre os textos escritos, porque cada um é elaborado segundo códigos de linguagem diferentes. O leitor sabe que o código metafórico do texto-poema não é o mesmo utilizado, por exemplo, no texto-bula medicinal. A diferença é/ está no código; o código é cifração... *E com as cifras do código deciframos a linguagem!* (Lembras os versos de Carlos Drummond? “Sob a pele das palavras há cifras e códigos”) e o que devemos fazer (como o poeta faz) é aproximarmo-nos do texto, seguindo a receita:

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

Decifrar linguagem é outro enigma, aliás o mesmo enigma: “decifra-me ou devoro-te”. Decifrar linguagem é a tarefa lectural e, conseqüentemente, ler não é apenas percorrer o texto com os olhos ou outras extensões similares; ler é desarmar um sistema de signos, previamente armado, revelador daquilo que no sistema está velado ou revelado; ler é um jogo de desmontagem e montagem do código. E nessa atividade lúdica (montagem e desmontagem) concretiza-se a luta com as armas:

- do produtor que *arma*, versus a do receptor que *desarma*;
- do produtor que *consignamente vela*, versus a do receptor que *insignemente revela*;
- do produtor que *capta* algo da “*logosfera*” e o deixa cativo no texto, versus a do receptor que, tornando-se cativo do texto *capta* algo da “*logosfera*”.



Ler é lutar (com palavras ou não) pela decifração do que nos é proposto e, todavia, nos quer devorar. Todos os teus sentidos, além da visão, são *armas lecturais* que te defendem do “luto” nessa luta.

Proporcionalmente, há uma equivalência entre a produção e a recepção do texto: do mesmo modo que para registrar o universo circundante e contido no seu imaginário, o produtor se envolve na luta pela expressão, o receptor também deve se envolver com a luta pela captação dos sentidos do texto. Uma luta que, efetivamente, é de “corpo e alma” à medida que entram em jogo os órgãos físicos sensoriais (audição, visão...) e as faculdades cognitivas (inteligência, raciocínio...). Nesse sentido, *a leitura é uma atividade psicossomática* que, gradativamente tende para o cansaço/desgaste e, por conseguinte, para a saturação de si própria. O desgaste que a leitura te provoca é um antagonismo na tua decifração. Convém, portanto, caro leitor, preparar-te: um gole que te refresque a mente pode ser um bom remédio; andar ou mudar de posição, tanto espanta o antagonismo como aquece o ânimo para a luta... O importante é que entendas ser preciso consumir o texto para poder consumá-lo e não ser por ele consumido, quando o queríamos consumir!

Não me creias tão dramático. Tudo que até então vimos como pugilato pode, também ser visto num plano báquico. Distorçamos o drama e deslindemos a compreensão prazerosa da leitura. Digamos, inicialmente, que ler não é mais uma luta de corpo e alma, ao contrário: *ler é uma entrega amorosa de corpo e alma...*

Imagina-te, leitor, diante do texto como se estivesses face à pessoa amada que se te oferece para amar. A obra/ a escritura/ a produção é esta fêmea que te quer comer à medida que se quer comida. Não invistas sobre ela com as ganas intempestivas do ávido amante. Espantada, ela pode fazer as negaças da entrega e não te dar o prazer sensato. Tem paciência! Entende que o corpo do texto (com cabeça, tronco e membros) requer afetos, cortes e paqueras. É bom agires como sábio amante: lança-lhe olhares penetrantes sobre toda a cabeça do texto, intensificando em algum ponto do seu corpo o agudo desejo de possuí-lo. Passeia-lhe os cabelos que lhe cobrem o colo sedutor. Ousa, bom amante, tocar-lhe esse interregno do prazer que liga o título do texto ao seu corpo. Por já teres os teus dedos aí colados, percorre cada linha, reta ou curva, desse corpo amávico. Ousa mais: toca-lhe com dedos e olhares a brecha rica das entrelinhas, silenciosamente. Coceja os mais recônditos espaços e verás que o rico corpo dessa amante, contorcendo-se pelos teus

afetos de desejo, mostrará apenas para ti os segredos que a estilística  
roupagem oculta. Afasta o véu do sutiã que encobre o seio (= cerne  
da revelação íntima dos pensamentos) que essa fêmea contém.  
Deita-lhe, enfim, os mais picantes olhares; espicaça-lhe a volúpia  
da entrega e, epicamente, “penetra surdamente” entre as dobras  
desse texto, porque é aí que gozarás o teu prazer de leitura e o teu  
profundo prazer do texto.